

\*Professor na FAUUSP-São Paulo, orientador na área de Representações e Processos de Produção na pós-graduação. É coordenador do RELAB - Laboratório de Representações da FAUUSP e coordenador do Grupo de Pesquisa ‘Representações: imaginário e tecnologia’ (CNPq) RITe, associado ao Centre de Recherches Internationales sur l’Imaginaire CRI2.

\*\*Professor efetivo, Adjunto I em dedicação exclusiva, na Faculdade de Arquitetura Urbanismo e Design (FAUeD) da Universidade Federal de Uberlândia (FAUeD - UFU, desde 2011). Coordenador no Núcleo de Pesquisa em Projeto de Arquitetura (NU-PPA-FAUeD-UFU). Mestre em Arquitetura pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da EESC-USP, São Carlos (2007), Arquiteto Urbanista pela Universidade de Uberaba (2002).

\*\*\*Mestre pela FAUUSP (2016), especialista pela UFOP (2014), possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Moura Lacerda (2006). Atualmente é pesquisador e colaborador junto ao RELAB e ao RITE da Universidade de São Paulo.

Professor de cursos técnicos do SENAC-SP, e nos cursos de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Uberaba-MG e da UNISEB/Estácio em Ribeirão Preto-SP.

\*\*\*\*Arquiteto e Urbanista formado no Centro Universitário Estácio UniSEB, Ribeirão Preto-SP (2010). Atualmente cursando Mestrado na área de Tecnologia da Arquitetura, Linha: Processo de Produção da Arquitetura e do Urbanismo / Representações, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo (FAUUSP). Membro do grupo de pesquisa CNPq Representações: Imaginário e Tecnologia (RITe).

\*\*\*\*\*Mestrando pela FAUUSP. Estuda o discurso e a prática das Cidades Inteligentes no contexto da desigualdade brasileira, com especial ênfase nas implicações à população de assentamentos precários. Coordenador do Grupo de Estudos em Smart Cities sediado na FAUUSP e vinculado ao NaWeb e ao RITe. Possui graduação em Engenharia de Sistemas Eletrônicos pela Universidade de São Paulo (2014).

## “Arquigrafia de linhas imaginárias”: Reflexões críticas

*“Arquigrafia of imaginary lines”: critical reflections*

Artur Simões Rozestraten\*, Juliano Carlos Cecílio Batista Oliveira\*\*, Rodrigo Luiz Minot Gutierrez\*\*\*, Fernando Gobbo Ferreira\*\*\*\* e Gabriel Mazzola Poli de Figueiredo\*\*\*\*\*

### Resumo

Este artigo apresenta a proposta do workshop “ARQUIGRAFIA de linhas imaginárias” idealizado para o III SEMINÁRIO INTERNACIONAL REPRESENTAR (BRASIL-CHILE-MÉXICO -PORTUGAL) sob o mote: “(des)desenhar (des)dibujar fronteiras fronteras / inaugurar fronteiras fronteras” e realizado em novembro de 2015, sob uma perspectiva crítica. Após a exposição dos objetivos gerais do Seminário, o artigo apresenta a proposta específica do workshop, as dinâmicas de interação propostas, o público almejado e a fundamentação conceitual especialmente elaborada para essa ocasião e compartilhada com os participantes. A partir de tais referências são apresentadas algumas as perspectivas críticas dos envolvidos e formulam-se algumas considerações finais.

**Palavras-chave:** Representações. Fotografia. Espaços Urbanos. Colaboração. Internet.

### Abstract

This paper presents a critical perspective on the “ARQUIGRAFIA of imaginary lines” workshop proposed for the III INTERNATIONAL SEMINAR REPRESENTAR (BRAZIL-CHILE-MEXICO-PORTUGAL) under the motto: “(un)draw borders / unveil borders” and held in November 2015. After an exposure of the general objectives of the seminar, the paper presents the specific workshop proposal, its dynamics of interaction, its target audience and the conceptual basis especially designed for the occasion and shared with the participants. From such references, critical considerations of the participants are presented and some final considerations are done.

**Keywords:** Representations. Photography. Urban Spaces. Collaboration. Web.

## Apresentação e exposição da proposta

**E**ste texto apresenta reflexões críticas sobre o workshop “ARQUIGRAFIA de linhas imaginárias” proposto e realizado em novembro de 2015 no III SEMINÁRIO INTERNACIONAL REPRESENTAR (BRASIL–CHILE–MÉXICO–PORTUGAL) sob o mote: “(des)desenhar (des)dibujar fronteiras fronteras / inaugurar fronteiras fronteras”.

O objetivo do REPRESENTAR em sua terceira edição era “compartilhar experiências internacionais sobre as diferentes óticas de abordagem do problema das representações da arquitetura, do urbanismo e do design na atual conjuntura técnica e social (o mundo contemporâneo) a partir das produções acadêmicas / científicas realizadas nas Instituições universitárias. Uma abordagem que se pretende, ao mesmo tempo, experimental e didática, inquisitiva e explicativa, refletiva e propositiva, utilizando os métodos convencionais, e também as novas práticas digitais e de informação e difusão”.

Para tanto planejou-se um formato institucional conveniente para o enfrentamento das restrições orçamentárias comuns às instituições envolvidas que não comprometesse as experiências e reflexões pretendidas. Nesse sentido o que se configurou foi um “Seminário Internacional com 5 sedes (Cidade do México, Lisboa, Santiago de Chile, São Carlos e São Paulo) e com apoio de 7 instituições universitárias: División de Ciencias y Artes para el Diseño (Universidad Autónoma Metropolitana-Xochimilco, México), Facultad de Arquitectura y Urbanismo (Universidad de Chile), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (Universidade de São Paulo), Instituto de Arquitetura e Urbanismo (Universidade de São Paulo-São Carlos), Centro Universitário Senac, Projecto de Investigación Arquitecturas-Imaginadas: Representação Gráfica Arquitectónica e Outras-Imagens (Centro de Investigación em Arquitectura, Urbanismo e Design, CIAUD/FA/ULisboa) e Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (Universidade São Judas Tadeu).”

Na prática o Seminário envolveu a realização de 7 workshops autônomos, cada qual sob a responsabilidade de uma das instituições participantes e, para concluir, as sedes foram conectadas por videoconferência para a realização de debate, denominado “Encontro Marcado”, o que exigiu um planejamento de horário comum aos vários fusos das sedes.

O debate do workshop aqui em pauta se deu em diálogo com os colegas do IAU-USP de São Carlos e da Facultad de Arquitectura y Urbanismo da Universidad de Chile.

A proposta específica desse workshop que se apresentará a seguir tomou como ponto de partida o mote “(des)desenhar (des)dibujar fronteiras fronteras / inaugurar fronteiras fronteras” e o tema da “deriva/phalene” com o intuito de promover:

“[...] uma abordagem de reconhecimento da cidade (cada cidade sede), dentro de uma perspectiva do conceito de fronteira, não tanto como uma linha demarcada que separa coisas diferentes, mas no sentido antigo (e ampliado) do termo, como “limex”, aquela extensa faixa fronteira que delimitava, de forma difusa, o território do Império Romano. Um território, este do limex, pouco definido e certamente circunstancialmente mutável, ainda que cultivado. Um espaço que desfrutava das trocas entre integrados e desintegrados, entre civitas e barbárie, onde foi possível criar as condições de florescimento de uma

sociedade menos condicionada pelo modelo de interpretação do mundo dominante e, ainda aberta a novas percepções e descobertas. Definitivamente um território que precisa ser (des)desenhado e inaugurado dia a dia.”

O desenvolvimento do workshop “ARQUIGRAFIA de linhas imaginárias” contou com a colaboração de pós-graduandos e docentes ligados à FASE II do projeto ARQUIGRAFIA (FAPESP 2012/24409-2), ao Grupo de Pesquisa CNPq “Representações: Imaginário e Tecnologia” (RITE) que também dialogam com o Laboratório de Representações da FAUUSP (ReLab) e com o NaWeb – Núcleo de Apoio à Pesquisa em Ambientes Colaborativos na Web.

Conforme o propósito do Seminário que previa interações à distância valendo-se de recursos Web, o workshop envolveu o Núcleo de Linguagem da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e o Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Uberaba, além de iniciativas conduzidas simultaneamente em Ribeirão Preto, interior do estado de São Paulo e São Paulo, capital, Brasil, entre 03 e 21/11/2015.

O público alvo almejado pelo workshop incluía estudantes de arquitetura e urbanismo, estudantes de design, de artes plásticas, de artes visuais, de história, de geografia, de psicologia, de filosofia, das engenharias, de ciências sociais, de arqueologia, de antropologia, de música, de dança,

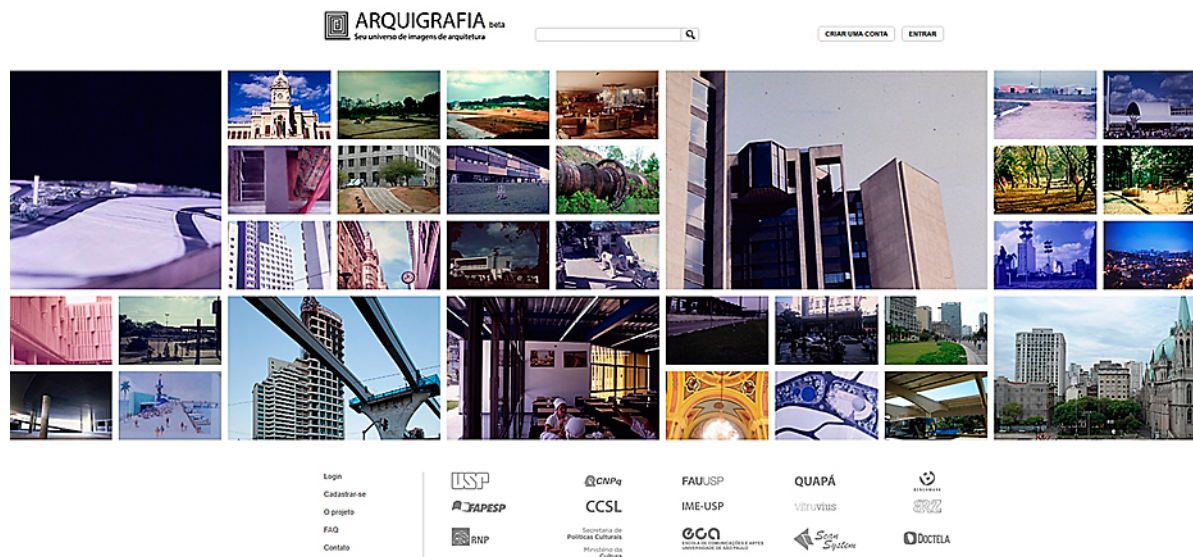


Figura 1: Página inicial do site “Arquigrafia”. Disponível em: <http://www.arquigrafia.com.br>.

de artes cênicas, de letras, arquitetos, fotógrafos, professores e leigos interessados no tema. As vagas eram ilimitadas, sendo a participação gratuita e sem necessidade de inscrição prévia. A base web foi o ambiente colaborativo ARQUIGRAFIA < [www.arquigrafia.org.br](http://www.arquigrafia.org.br) > no qual se adotou a hashtag #representar2015 para permitir a recuperação e a reunião das imagens produzidas nessa ocasião (Figura 1).

A fundamentação conceitual do workshop tecia as considerações que seguem como provocação ou estímulo às ações fotográficas reflexivas.

É possível pensar, como propôs Heidegger (2002), que “o limite não é onde uma coisa termina mas, como os gregos reconheceram, de onde alguma coisa dá início à sua essência.”

É do limite para dentro que se conforma um objeto, um lugar, um conceito, uma palavra, uma imagem. Para fora desses limites há o mundo indistinto, o espaço sem lugares, uma extensão amorfa, a princípio.

O muro (temenos) dá início ao santuário. A partir dele começa uma epifania no espaço natural homogêneo. Ali habita um Deus e haverá altares e templos. Sempre encontraremos esse muro pelo lado de fora. Nos aproximaremos sempre de fora para dentro. O muro peribolo delimitará uma linha cosmogônica que inaugura um universo dentro do universo, como poderia dizer Focillon (1981).

Perambulando investigaremos esse interior antes com a imaginação, extensão sonhadora que antecipa e guia os sentidos. Depois, passado o muro, seguiremos imaginando de dentro para ainda mais adentro. Na outra extremidade do dentro, depois do dentro mais profundo, do lado de lá estaremos fora outra vez.

O horizonte de Brasília não é onde a cidade deixa de ser, mas a linha horizontal a partir da qual a cidade centrípeta converge para ser o que é, para além do que se imaginou que seria outrora.

Na tríplice fronteira entre o Brasil, a Argentina e o Paraguai, no encontro dos rios Paraná e Iguazu, o que surpreende é a surrealidade da semelhança. Naquela natureza contínua, artificial é a cisão tripartida que não convence nem a imaginação

nem os sentidos. Postos em um dos vértices estamos onde poderia estar o outro, triplamente espelhados. Talvez daí Borges tenha intuído a condição onírica de 'O Outro', deslocada inadvertdamente (ou especularmente?) para as margens setentrionais do rio Charles, ao norte de Boston, em Cambridge.

Ali onde o marco indica que passa a linha do Trópico de Capricórnio, do Equador ou de Greenwich surpreende a indiferença da natureza quanto a um lado e o outro. Prova disso são os pássaros e as crianças que cruzam por ali resolutos e absolutamente distraídos.

A dialética da fronteira se posta firme na oscilação paradoxal da (des)continuidade. Início ou fim, inferno ou paraíso, tangível ou inapreensível, interior ou exterior?

A linha d'água da baía de Santos era para as naus portuguesas o começo de um mundo. Para as tribos indígenas que habitavam o planalto e desciam pelo Peabiru para o litoral no inverno ali também era o início de um mundo. O mundo salgado e aquático de espumas revoltas que expele homens brancos ocasionalmente.

Costumamos pensar a partir de dentro, mais facilmente, as fronteiras distantes. Linhas imaginárias pendentes sobre rios longínquos, tracejadas sobre o mar aberto, descontínuas nos desertos, finíssimas no solo úmido das matas selvagens,

grafadas com precisão em extensos espaços ortogonais de solidão. Sob essas correm eventualmente outras linhas supostamente mais concretas com formatos engenhosos e variados: cercas elétricas, grades, minas, linhas de laser, visadas de câmeras, arames farpados, valas, muros e baterias de mísseis.

Muito mais raramente percebemos as fronteiras das cercanias, excessivamente familiares, demasiadamente próximas e presentes para perturbarem nossos limiares perceptivos. Estão tão dissolvidas em uma plácida permanência perpétua, tão arcaica e profundamente assimilada, que se internalizam inabaláveis e intransponíveis.

Michel Serres (2014) nos conta que durante uma madrugada em 1995, um forte terremoto derrubou as grades das jaulas do zoológico de Kyoto, no Japão. Surpreendentemente não houve uma debandada geral dos animais selvagens. Os animais nem se moveram, na verdade. Estavam tão acostumados àqueles limites incontestáveis que nem mesmo ensaiaram confrontá-los para testarem uma vez mais sua óbvia permanência. Fato é que caíram as grades reais, não as imaginárias. Essas costumam ser muito mais persistentes.

Conseqüiremos reconhecer nas várias escalas, entre os lugares que nos envolvem e os espaços que imaginamos, as fronteiras que nos cercam?



Figura 2: Shopping Park 3, Uberlândia-MG. Fonte: Arquigrafia, Ana Carolina de Oliveira Stefani (11/2015). Disponível em: <http://www.arquigrafia.org.br/photos/6284>.

Seremos capazes de nos mover entre elas e captar imagens fotográficas de suas manifestações sensíveis?

Serão todas visíveis, representáveis, afinal (Figura 2)?

Podemos experimentá-las, dilatá-las, reconfigurá-las, desconstruí-las, ultrapassá-las?

Estas reflexões preliminares reorganizaram o mote do III Seminário REPRESENTAR para uma experiência coletiva de derivas urbanas fotográficas que puderam ser realizadas de maneira não-coordenada e assistemática, em diferentes cidades brasileiras, tendo como campo de convergência o ambiente colaborativo de imagens de arquitetura ARQUIGRAFIA < [www.arquigrafia.org.br](http://www.arquigrafia.org.br) > e a hashtag #representar2015 .

A partir de convites feitos via Web aos usuários já cadastrados e a novos usuários em potencial foram realizadas ações fotográficas e reflexões sobre imagens diretamente na plataforma ARQUIGRAFIA: uploads, intercâmbio, registro de impressões, formulação de comentários e a análise conjunta de uma constelação original de imagens digitais.

Esperava-se que essa proposta contribuísse tanto com o aperfeiçoamento do sistema ARQUIGRAFIA, quanto com os objetivos do Seminário de compartilhar experiências com diferentes óticas de abordagem sobre o problema das

representações da arquitetura, do urbanismo e do design na conjuntura técnica e social contemporânea a partir de ensaios aproximativos, experimentais e interrogativos que se valem do deslocamento do olhar, da fotografia digital e das práticas colaborativas na Web.

Realizada o workshop, os colaboradores teceram as seguintes considerações críticas a seu respeito.

Juliano Carlos Cecílio Batista Oliveira, docente FAUeD-UFU:

“Na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia, a chamada para participação no workshop aconteceu através de convites disparados por e-mail, para listas de docentes e alunos dos cursos de Arquitetura e Urbanismo e Design. O próprio e-mail já continha, além do convite à participação, as “instruções” para a atividade - a partir da estrutura previamente apresentada ao grupo (cadastramento no Arquigrafia, uso da hashtag #representar2015 na subida das imagens, etc.). O convite, especialmente aos alunos, foi reforçado algumas vezes, inclusive com a solicitação de divulgação entre eles, através de seus grupos de discussão.

Com a chegada do final de semana limite para a subida das imagens, e apesar dos vários e-mails trocados com alguns alunos sobre o funcionamento do workshop, a participação foi muito pequena. Fica a constatação de que, na tentativa



de construção do workshop de maneira completamente digital - com conversas à distância entre os participantes, sem encontros presenciais, a atividade perdeu força - no nosso caso. Reuniões de cadastramento e discussão do texto, assim como a organização de incursões fotográficas coletivas pela cidade, certamente colaborariam para uma maior participação. Uma alternativa que não nos arriscamos, mas que talvez pudesse frutificar, era a organização do evento local - especialmente do momento para a tomada das fotos em uma deriva coletiva - através de Facebook ou outra rede social semelhante, que fomentasse uma maior interação entre os participantes.

Por outro lado, ao imaginarmos um grupo de pessoas com uma afinidade tão comum e, certamente, um acervo de fotografias já consolidado, bastava o esforço da interpretação das suas

próprias imagens: obviamente, esta mostrou-se, aos que desistiram, a parte mais "penosa" da atividade (Figura 3).

Como exemplo, analiso um convite feito em específico a um grupo de quase 30 alunos, de primeiro e segundo ano do curso de Arquitetura e Urbanismo, para discutirem e comentarem algumas de suas fotografias tomadas uma semana antes do workshop Arquigrafia, em uma atividade de campo que realizamos na periferia da cidade de Uberlândia. Isto é, as imagens já haviam sido tomadas, bastava agora interpretá-las à luz da proposta e subí-las na plataforma. Recebi vários comentários por e-mail de interessados. Apenas uma aluna deste grupo participou. Assim, além da questão do interesse (e sempre da disponibilidade de tempo...), acredito que uma integração maior da plataforma com as tecnologias mobile incentivaria a uma maior participação - facilidade do registro e subida imediata da imagem através de smartphones, além da simples transferência de fotos em nuvem para o portal. No mais, a experiência certamente foi rica aos participantes, inserindo uma nova lente no olhar sobre a cidade, construindo interpretações do espaço além da ordem puramente técnica e funcional. "

Rodrigo Luiz Minot Gutierrez, docente UNIUBE:

"Semana passada foi realizado o workshop "Arquigrafia de linhas imaginárias" na UNIUBE, Universidade de Uberaba. O convite foi feito através

Figura 3: Igreja do Espírito Santo do Cerrado, Uberlândia-MG. Fonte: Arquigrafia, Juliano Cecilio Oliveira (11/2015). Disponível em: <http://www.arquigrafia.org.br/photos/6288>.





Figura 4: Universidade de Uberaba (UNIUBE), Uberaba-MG. Fonte: Arquigrafia, Rodrigo Luiz Minot Gutierrez (11/2015). Disponível em: <http://www.arquigrafia.org.br/photos/6244>.

de um chamado que destacava a atividade como um workshop de fotografias de arquitetura e teve fácil aceitação e envolvimento nos cursos: “Arquitetura e Urbanismo” e “Design de Interiores”. Foram realizadas cinco sessões de apresentação do projeto com leitura do texto, cadastramento de novos usuários e manipulação do site. Ao todo foram cerca de 30 participantes espontâneos, que usaram os computadores da universidade no laboratório de informática. Muitos alunos descobriram que “fotografia de arquitetura” é muito mais que um belo registro tecnicamente perfeito, mas uma possibilidade de diálogo mais profundo e rico do que percebiam. Inclusive, para alguns o diálogo pareceu libertador ao estimular a experimentação da fotografia de arquitetura sem o rigor imaginado, mas com o sabor da imaginação (Figura 4).

Para outros, no entanto, a “viagem” da imaginação, se mostrou como uma barreira, alinhavada por suas próprias mentes, se mostrando incomodados com uma mensagem “filosófica demais” ou “poética demais”: “papo de artista”. Para esses a desconcertante constatação de um sistema subjetivo de avaliação de arquiteturas a partir de imagens, libertava demais para conseguirem se contrapor. Evidenciando a importância da experiência. No sábado, para fechar o workshop, foi realizada uma deriva (quase aquática, com o volume de chuva que caiu no horário da atividade) pelo centro da cidade de Uberaba. De um modo geral a movimentação ao redor do workshop, foi instigante e bastante produtiva. Inaugurando Uberaba

na plataforma digital “Arquigrafia” e fortalecendo, inclusive, o grupo de estudos em fotografia digital, que reúne interessados no tema desde o começo do ano. Dentre as sugestões mais recorrentes dos participantes, foi a de criação de um APP, para facilitar o Upload das imagens via celular, como é feito no Instagram, por exemplo. ”

Arq. Fernando Gobbo Ferreira, mestrando FAUUSP:

“Ontem pela manhã, dia 20/11/2015, foi realizado o exercício de deriva com um pequeno grupo, pelos bairros Jardim Sumaré e Alto da Boa Vista, aqui em Ribeirão Preto. Apesar da chuva inconveniente que caiu durante todo o tempo, a experiência foi muito enriquecedora. Após a leitura do texto, a visão de todos se tornou filtrada, treinada para enxergar linhas visíveis e invisíveis. Durante a deriva, essa preocupação era latente em todos, e as fotos que eram registradas exacerbavam muros, portões, árvores, diferentes tipos de calçamento e texturas conflitantes entre espaço público e privado. A deriva foi se aprofundando, e logo todos perceberam que as linhas imaginárias se faziam mais presentes do que se poderia intuir. Se o limite, dessa deriva, seria dois bairros em Ribeirão Preto (Jardim Sumaré e Alto da Boa Vista), qual seria esse limite? Onde termina um bairro e começa outro? Era possível reconhecer que todas as fotografias registradas eram dos mesmos lugares? Será que em uma fotografia, é possível restringir todos os elementos reconhecíveis e constituintes como unicamente presentes





Figura 5: Primeiro trecho da Rua Garibaldi, Ribeirão Preto-SP. Fonte: Arquigrafia, Fernando Gobbo Ferreira (11/2015).

nesses bairros? Logo ficou claro que, embora o recorte se desse nesses dois bairros, muitas fotos registravam elementos estrangeiros ao Alto da Boa Vista e Jardim Sumaré. Horizontes distantes, edifícios altos ao longe, copas de árvores a ruas de distância. Mesmo o céu nublado e a chuva que caía não eram exclusivos desses dois bairros. O limite imaginário das cidades se faz presente antes da foto ser registrada. Ultrapassar esse limite é tarefa sensível, e exercício prazeroso (Figura 5).”

Eng. Gabriel Poli Figueiredo, mestrando FAUUSP:

“Pensando a respeito do tema, percebi os limites entre espaços de pedestres e carros (ou ciclistas e carros) como limites entre espaços de potencial vida ou morte, quando ocupados em sua configuração tradicional. Movimentos como as bicicletadas ou as vias abertas poderiam ser consideradas, sob esse olhar, uma espécie de transbordo de vida nesses espaços inóspitos. Ao mesmo tempo em que eventos como esses dissolvem, aparentemente, barreiras mais óbvias, permanecem muitas barreiras internas ao imaginário: os cones e a segregação da via durante a Paulista aberta, a sensação inexplicável de insegurança que muita gente tem ao permanecer no meio da rua, mesmo com ela vazia, ou a ideia de que parar para pedestre é uma gentileza ou favor. Na tentativa de retratar algumas das percepções, combinei com alguns conhecidos de fotografarmos a Paulista Aberta em um domingo.

O grupo era composto por quatro fotógrafos sem formação arquitetônica e logo constatamos uma grande dificuldade em lidar com a expectativa que o conceito “imagem de arquitetura” evocava, de imagens formais e elementos em uma escala muito maior do que a das interações que pretendíamos capturar (Figura 6).



Figura 6: Edifício Gazeta, Paulista aberta. São Paulo-SP. Fonte: Arquigrafia, Gabriel Poli Figueiredo (11/2015).

O grupo aos poucos foi se soltando mas percebi que seria necessário mais tempo para as pessoas se apropriarem dessa reflexão e desse -aparentemente novo- olhar. Se normalmente o universo da arquitetura parece intimidador para quem não domina seus símbolos e linguagem, percebi que esse efeito foi ampliado em pessoas que medem a relevância de sua produção por critérios artísticos e, de certa forma, egóticos. Utilizei a provocação inicial para tentar motivar, via Facebook e grupos de whatsapp e telegram, pessoas envolvidas com cicloativismo e mobilidade urbana.



Figura 7: Porta de entrada do Centro Cultural Banco do Brasil. São Paulo-SP. Fonte: Arquigrafia, Ana Carolina Batista (11/2015).

Apesar de ter o conteúdo da mensagem difundido em diversas outras instâncias (reposts, CA da escola da cidade, outros grupos), não consegui reverter essa difusão em aderência à proposta. Acredito que isso foi devido, principalmente, pela minha manifestação tardia e próxima demais do encerramento do workshop.”

O Seminário REPRESENTAR promoveu então, no dia 25 de novembro de 2015, um “Encontro Marcado” como uma reunião dos proponentes de workshops sediados em São Paulo (FAUUSP, USJT, Senac), em interação via Google Hangout com os proponentes sediados no IAUUSP em São Carlos. Nessa mesma data outras interações à distância foram feitas entre os demais proponentes de workshops envolvidos no Seminário.

Nesse encontro foi possível apresentar resumidamente os workshops, expor questionamentos, dialogar a respeito das experiências e formular conjuntamente perspectivas e desdobramentos possíveis para o IV Seminário REPRESENTAR 2017.

### Reflexões críticas

Buscas no ARQUIGRAFIA revelam que a hashtag #representar2015 recupera 76 imagens, que foram selecionadas e carregadas no sistema pelos próprios usuários participantes do workshop. Várias dessas imagens foram comentadas pelos próprios participantes do workshop, registrando no sistema as interações sociais construídas.

Tais imagens se relacionam a espaços urbanos mais diversificados do que as cidades-base dos colaboradores envolvidos, às quais se somaram: Curitiba (PR), Chicago (EUA), Brasília (DF), Guarujá (SP), Roma (Itália) e Belo Horizonte (MG).

Houve, portanto, uma inauguração de fronteiras, para além daquelas supostas inicialmente, ampliando de forma considerável um limite de território que envolveria Uberaba, Uberlândia, Ribeirão Preto e São Paulo (Figura 7).

Este foi um aspecto positivo da realização do workshop à distância com base em uma convocatória aberta e uma plataforma Web.

Por outro lado, ficou evidente a dificuldade de engajamento dos participantes no workshop na medida em que se privilegiou a autonomia individual e as incursões independentes para a produção de imagens. Constatou-se que a coordenação, os encontros presenciais e a realização conjunta de expedições ou “saídas” fotográficas foram mais estimulantes e favoráveis ao engajamento pretendido do que a simples convocatória à distância.

A formulação conceitual do workshop apresentada por um texto propositadamente poético, sugestivo e evasivo também não necessariamente resultou na provocação e estímulo pretendidos (Figura 8). A expectativa de uma orientação objetiva se manifestou dentre os participantes, assim como também se manifestaram preconceitos com

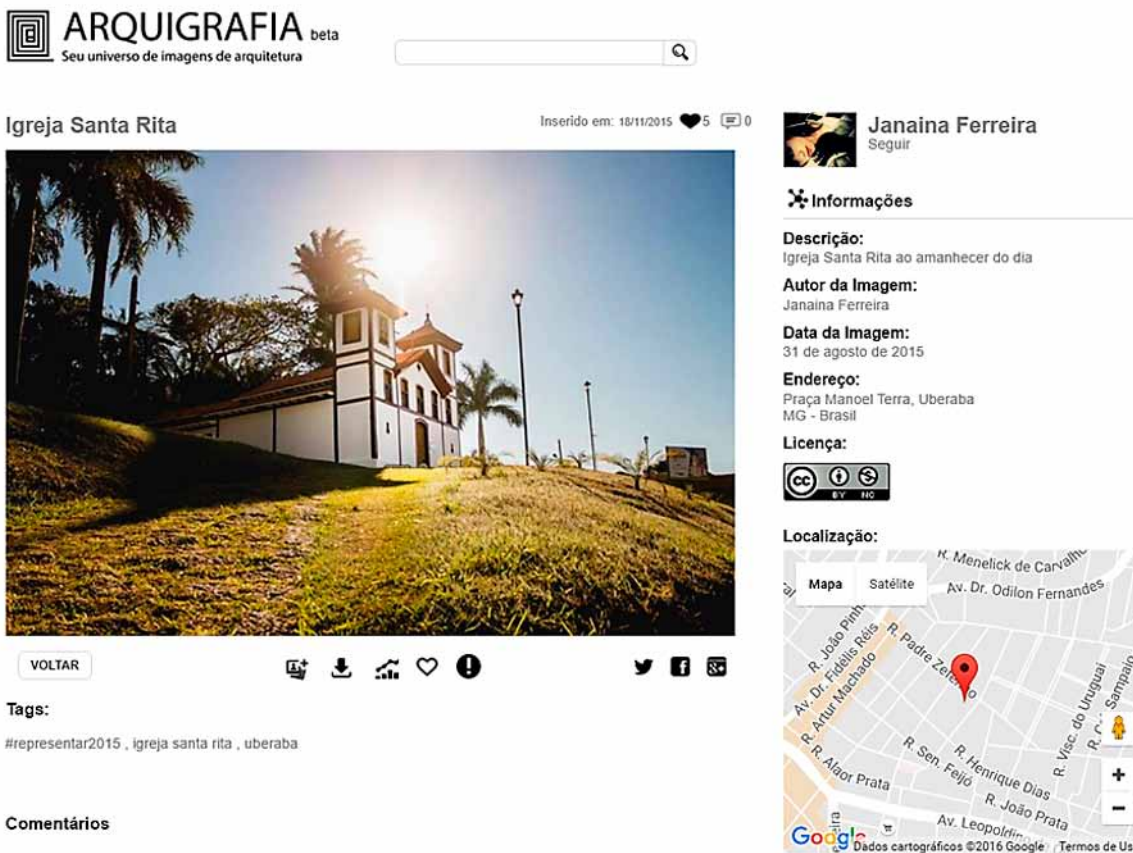


Figura 8: Página do Arquigrafia, com exemplo de uma das fotografias registradas no workshop. Fonte: Arquigrafia (11/2015).

relação a formulações poéticas e dificuldades de interpretação de texto de caráter teórico-filosófico.

A sugestão reiterada de que um Aplicativo ARQUIGRAFIA facilitaria a interação e o engajamento realmente é pertinente e, cabe dizer, que seu desenvolvimento encontra-se em andamen-

to dentro do projeto Grandes Temas Santander USP, contando com o envolvimento de docentes-pesquisadores e alunos graduandos e pós-graduandos da Escola de Comunicação e Artes (ECAUSP), do curso de Design da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUUSP) e do programa de pós-graduação em Ciência da Computação do Instituto de Matemática e Estatística (IMEUSP), com vigência entre agosto de 2016 e agosto de 2017.





Figura 9: Tela do aplicativo mobile para sistemas Android do Arquigrafia, disponibilizado on-line alguns meses após a realização da atividade tema deste trabalho. Fonte: Google Play. Disponível em: [https://play.google.com/store/apps/details?id=com.ionicframework.arquigrafiamobile302511&hl=pt\\_BR](https://play.google.com/store/apps/details?id=com.ionicframework.arquigrafiamobile302511&hl=pt_BR)

Espera-se que para a próxima edição do REPRESENTAR 2017 o App ARQUIGRAFIA esteja disponível ao menos em Android, para amparar revisões e novas investigações plástico-espaciais dos usuários em uma nova configuração de workshop do projeto ARQUIGRAFIA (Figura 9).

### Referências bibliográficas

BORGES, Jorge Luis. O Outro. In: **O Livro de Areia**. Tradução: Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FOCILLON, Henri. **Vie des Formes**. Paris: PUF, 1981.

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: **Ensaio e Conferências**. Tradução: Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.

SERRES, Michel. Jungle dans la ville. In: **Nouvelles du monde**. Paris: Flammarion, 2014.